

O Lado Empoderador da Série Grey's Anatomy ¹

Victória Santos Baccarelli de ALMEIDA ²
Danielle Mendes Thame DENNY³
Fundação Armando Alvares Penteado, SP

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir os papéis de gênero impostos e a necessidade de destaque para o feminismo e sua luta pela igualdade, utilizando como objeto a série norte americana Grey's Anatomy. No seriado, o empoderamento feminino pode ser identificado com diálogos fortes, dando lugar de fala a elas; grande destaque para a mulher no âmbito profissional; visibilidade lésbica e quebra da hegemonia masculina. A metodologia usada foi a hipotética dedutiva com uso da técnica de pesquisa estudo de caso, análise bibliográfica e documental.

Palavras-chave

Grey's Anatomy; empoderamento; feminismo; gênero; igualdade.

Introdução

A luta pela igualdade de gênero é importantíssima para que as mulheres consigam viver com autonomia, conquistando seu espaço e até para que possam, simplesmente, andar na rua a noite sem medo (TURDELLI, 2017). Primeiramente, serão abordadas as facetas do termo 'gênero' para compreender sua importância para a temática em estudo. O termo gênero remete a um procedimento de “desnaturalização”, pois autoras feministas usaram-no para referir-se ao caráter cultural das distinções entre os sexos, ou seja, ele não se refere as diferenças biológicas entre homens e mulheres, que são inatas, “naturais” (PISCITELLI, 2009).

A discriminação de gênero costuma ser justificada pela atribuição de características de temperamento diferentes entre os sexos, restringindo, assim, seus

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Aluna do Curso de Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV, na Fundação Armando Alvares Penteado. E-mail : victoriabaccarelli@globo.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação Social na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero e doutora pela Universidade Católica de Santos. Professora na Fundação Armando Alvares Penteado. E-mail: danielle.denny@gmail.com

espaços de atuação. Com frequência, esses traços de temperamentos diferentes são considerados como inatos, “naturais” (PISCITELLI, 2009), decorrentes das distinções corporais entre homens e mulheres, especialmente daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas.

O movimento feminista passou por três fases até chegar no que temos hoje. A primeira fase do movimento feminista, que ocorreu no final do século XIX e começo do século XX, consistia em uma importante mobilização na Europa, na América do Norte e em outros países que tinham como objetivo lutar pelos “direitos iguais à cidadania”, que pressupunha a igualdade entre os sexos. Entre 1920 e 1930 as mulheres começaram a reivindicar seus direitos formais e legais, como o de voto, ter direito a educação, poder ter posses e bens, entre outros (PISCITELLI, 2009, p. 39).

A segunda fase aconteceu a partir da década de 1960 por grupos organizados de mulheres pelo mundo todo e teve como precursor os ideais do livro “O segundo sexo” (BEAUVOIR, 2016). A subordinação feminina passa a ser pensada variando de acordo com o período histórico e o lugar, percebendo-se também ocorrer em todos os períodos e na maioria dos lugares. As abordagens feitas sobre o tema questionam o caráter inato, sustentando decorrente da maneira como a mulher é construída socialmente, o que é fundamental, pois o que é construído pode ser modificado. São feitas reivindicações voltadas para a igualdade e questionada a origem da subordinação das mulheres. É na segunda onda em que é criada uma categoria mulher que é submetida a opressão que atinge a todas, independente da classe social. Nessa segunda fase, como categoria, devem tentar juntas criar estratégias para chegar ao fim da subordinação (PISCITELLI, 2009).

A terceira fase começou no final dos anos 1980 e ocorre até os dias de hoje. As feministas discutem, nesse período, que o conjunto de pessoas não classificam-se apenas em “homens” e “mulheres”, defendendo os direitos dos intersexos, transexuais e travestis, mostrando que a distinção de masculino e feminino não acaba com todas as opções de gêneros. Diz-se também que a discriminação de gênero não atinge apenas mulheres, mas também homossexuais, transexuais e travestis. O feminismo nesse contexto se torna um dos movimentos sociais mais importantes na luta pela igualdade de gênero. Por vivermos em uma sociedade patriarcal, a luta pela igualdade desses diversos grupos é constante e necessária, para que as mulheres e a comunidade LGBT ganhem lugar de fala (CASTRO, 1995).

Grey's Anatomy

A série norte americana *Grey's Anatomy* (RHIMES, 2005), que foi lançada no dia 27 de março de 2005, está há mais de 12 anos no ar e chegou a sua 14ª temporada em 2017. O seriado criado por Shonda Rhimes e produzido pela sua própria produtora, *Shondaland*, é famoso pelos seus dramas, conflitos, *plot twists*⁴ e pelo modo que reafirma a necessidade do empoderamento feminino na sociedade.

A série se passa no fictício *Seattle Grace Hospital*, em Seattle, nos Estados Unidos, em que a história é narrada pela protagonista, Meredith Grey. A história começa quando a então estagiária do hospital, e mais outros quatro estagiários, Alex, George, Izzie e Cristina, estão começando a sua jornada profissional. As tramas se desenrolam ao redor das vidas profissionais e pessoais dos estagiários, residentes, médicos e atendentes do hospital e também seus conflitos com os pacientes. As dificuldades da vida profissional são evidentes em cada episódio e o crucial é o modo que cada assunto é abordado com muita delicadeza e sutileza. A trama conta com idas e vindas de muitos personagens e diversos *plots*⁵ que reforçam a importância da diversidade e da igualdade.

Atualmente, a série se passa no horário nobre norte americano, às quintas-feiras à noite, no canal aberto ABC, em que eles chamam de “TGIT” (*Thanks God It's Thursday*), que significa “Graças a Deus hoje é quinta-feira”, fazendo alusão ao famoso ditado da língua inglesa “TGIF” (*Thanks God It's Friday*), significando “Graças a Deus hoje é sexta-feira”. *Grey's Anatomy* é a primeira das três séries a ir ao ar no “TGIT”, sendo seguida de *Scandal* (RHIMES, 2012) e *How to get away with murder* (NOWALK, 2014), ambas também produzidas pela *Shondaland*.

Mesmo depois de tantos anos no ar, a série continua sendo o carro chefe da emissora e possui uma média de audiência, em sua 14ª temporada, de cerca de 8 milhões de telespectadores apenas na TV americana (PORTER, 2017). O seu índice de audiência diminuiu muito durante os anos, já que em suas primeiras temporadas tinha, em média, uma audiência de 20 milhões de pessoas por episódio, mas ainda assim é muito alto (NIELSEN, 2017).

O sucesso do drama médico foi estrondoso e pode-se ver os desdobramentos de sua popularidade. A série já concorreu a cerca de 180 prêmios e chegou a ganhar quatro *Emmy Awards*, que é considerado o *Oscar* da TV americana. No final de sua terceira temporada,

⁴ Esta pesquisa considera *plot twist* como mudança radical na direção esperada ou prevista de uma narrativa.

⁵ Esta pesquisa considera *plot* o tema ou conflito que deu início a uma história.

a série ganhou um *spin-off*⁶, *Private Practice* (RHIMES, 2007), que conta a história de uma das médicas principais de *Grey's Anatomy*, Addison Montgomery, que se muda de Seattle para Los Angeles em busca de uma nova vida e começa a trabalhar em uma clínica privada. O *spin-off* teve grande sucesso também, tendo um total de seis temporadas e oito crossovers com a sua série mãe. Após cinco anos do término do seu primeiro *spin-off*, Shonda Rhimes produz o segundo, *Station 19*, que irá tratar sobre um corpo de bombeiros da mesma cidade, contando com o personagem Ben Warren, de *Grey's Anatomy*, que era residente do hospital e é marido da chefe do departamento de cirurgia, que desistiu da medicina e se tornou bombeiro.

A representatividade da mulher em *Grey's Anatomy*

As mulheres são vistas como inferiores dos homens em muitas questões, como no trabalho, na política e em suas relações interpessoais (CASTRO, 1995). Essa subordinação da mulher perante o homem está enraizada na nossa sociedade, e as mulheres lutam diariamente para uma mudança de cenário. Na televisão a maioria da representação de personagens bem sucedidos são de homens com grandes cargos em empresas, tendo reconhecimento profissional, enquanto as mulheres são representadas sem nenhum destaque e submissas a seus maridos e não podendo ter a sua própria autonomia, seja em que âmbito de sua vida for.

Em *Grey's Anatomy* as mulheres são retratadas de forma diferente. Shonda Rhimes procura, ao escrever os diálogos e compor seus personagens, dar às mulheres a sua importância devida e seu reconhecimento. Na maternidade, por exemplo, ela mostra que uma mulher pode sim conquistar uma carreira e cuidar de seus filhos, como ela fez com personagens como Meredith Grey, Callie Torres, Miranda Bailey e Arizona Robbins. Todas elas são cirurgiãs renomadas e chefes do seu departamento no hospital e têm filhos, conseguindo conciliar suas carreiras com o fato de serem mães presentes.

⁶ Esta pesquisa considera *spin-off* obra narrativa criada por derivagem, isto é, foi originada a partir de uma ou mais obras já existentes.



Figura 1: Meredith com seus três filhos: Zola, Ellis e Bailey (RHIMES, 2005).

É interessante observar como é tratado, também, o livre arbítrio da mulher na escolha pela maternidade, mostrando que é decisão única e exclusiva de cada uma e que nem todas as mulheres “nasceram para ser mãe”, como pode ser considerado senso comum. Essas mulheres que escolhem sua carreira ou não se veem como mães são representadas pela forte e destemida Cristina Yang, que escolhe percorrer a sua carreira de cirurgiã cardiovascular, acreditando não poder se dedicar 100% ao seu trabalho se tiver um filho e, por isso, opta por não tê-lo.

A imagem da mulher na sociedade é reafirmada em muitas cenas, mostrando que é imposto a todas um padrão de beleza e comportamento, mas esses são quebrados quando elas se dão o devido valor, lutam pelo seu espaço e apoiam umas às outras. Algumas personagens mostram o poder da sua voz, quando, por exemplo, Izzie Stevens, logo na primeira temporada, se incomoda profundamente quando a ficam chamando de “Dra. Modelo”, já que ela conseguiu pagar a faculdade de medicina por conta de fotos que ela havia tirado para uma revista. A médica dá um discurso dizendo a todos que ela fez aquilo para sustentar sua carreira como médica e que entrou na faculdade por mérito seu e não sua beleza.

Outro momento bastante marcante em denúncia ao padrão beleza é quando Cristina Yang é elogiada por sua beleza pelo marido, Owen, e ela fala alto, no meio do hospital: “Ah, dane-se a beleza! Eu sou brilhante! Se quiser me elogiar, elogie o meu

cérebro!”, enfatizando que existem fatores dela muito mais importantes do que a sua beleza.

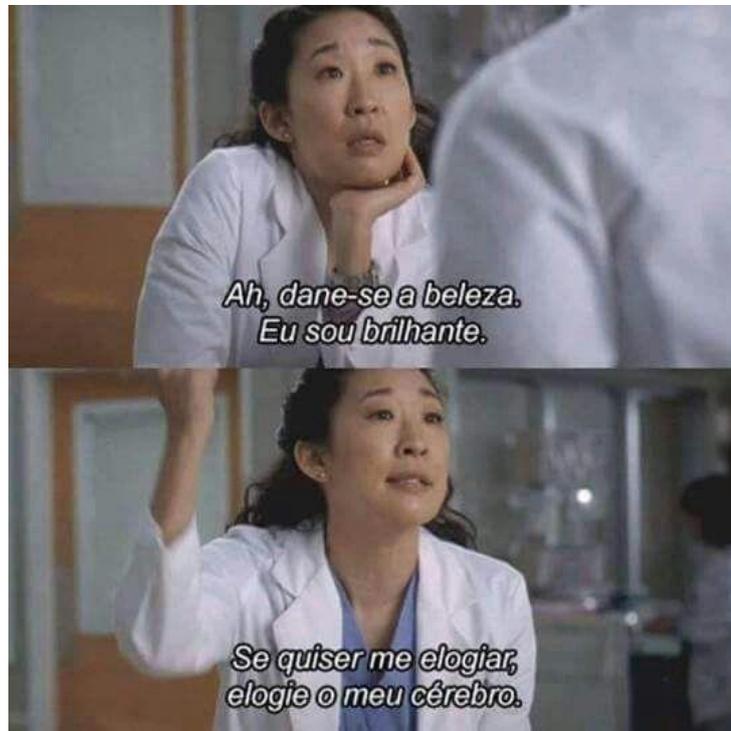


Figura 2: Cristina Yang respondendo Owen quando ele elogia a beleza dela (RHIMES, 2005).

A competitividade feminina é outro assunto muito tratado, principalmente na TV em geral, quando a mocinha e a sua inimiga lutam pelo mesmo homem e se odeiam por causa disso, por exemplo. Em *Grey's Anatomy*, a amizade entre as mulheres é motivada a todo tempo e as personagens estão sempre apoiando umas às outras.

A questão salarial é também mencionada, já que as mulheres nunca são influenciadas a exigirem seus direitos. Quando Meredith é promovida a chefe da cirurgia geral, ela aceita a oferta que é dada a ela, mas logo suas amigas médicas a dizem que o que havia sido oferecido a ela era muito pouco e que deveria exigir mais. Depois de relutar muito, Meredith decide ir falar com Bailey (a chefe de cirurgia), e pedir um aumento. Bailey dá o aumento na hora, pois estava apenas dando uma lição a médica, a que ela devia sempre levantar a sua voz e exigir o que lhe é de direito.

Outro ponto marcante nessa temática é quando Arizona e Callie estão disputando a guarda de sua filha, Sofia, e a advogada de Callie pergunta à Bailey, que está depondo a favor de Arizona, quantas vezes ela teve que abandonar a filha para ir atender um caso

de emergência e, então, Bailey responde a ela que se Arizona fosse homem, isso não seria nem uma questão a ser pensada, trazendo uma reflexão valiosa.

A série como um todo reforça o papel da mulher e como ela não apenas pode, mas deve reivindicar seus direitos e fazer sua voz ser ouvida. Não apenas um drama médico, a série com certeza ultrapassa as barreiras do “apenas entretenimento” e traz questões éticas sobre valores sociais.

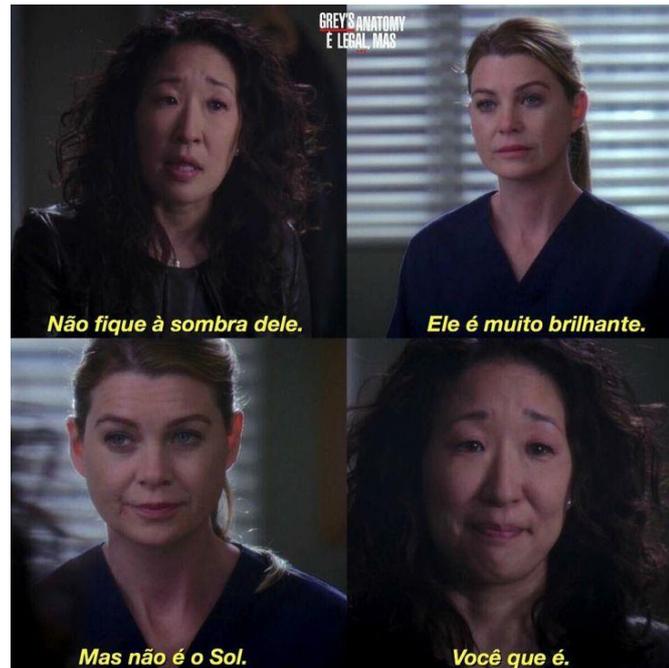


Figura 3: Antes de Cristina ir embora para a Suíça, ela dá um conselho valioso a Meredith (RHIMES, 2005).

As minorias em destaque

A representatividade é um dos pontos principais na *Shondaland*. Mulher asiática (Cristina Yang, *Grey's Anatomy*) recebendo *storylines* interessantíssimos e fortes, sendo uma das preferidas do público; negros em papéis de destaque e tomando conta de grandes instituições (Miranda Bailey, Richard Weber, Maggie Pierce e Preston Burke, *Grey's Anatomy*; Olívia Pope, *Scandal*; Annalise Keating, *How to get away with murder*), mulheres no poder (Miranda Bailey, Meredith Grey, Amelia Shepherd, Maggie Pierce, Callie Torres, Arizona Robbins, etc., *Grey's Anatomy*; Olivia Pope e Mellie Grant, *Scandal*; Annalise Keating, *How to get away with murder*) e personagens LGBTQ que não são estereotipados e também se encontram em papéis de grande importância profissionalmente (Callie Torres e Arizona Robbins, *Grey's Anatomy*; Cyrus Beene,

Scandal; Oliver Hampton e Connor Walsh, *How to get away with murder*). Em discurso no baile da campanha de direitos humanos, Rhimes disse:

Eu odeio demais a palavra “diversidade”. Sugere...alguma coisa além. Como se fosse algo especial. Ou raro. Diverso! **Como se tivesse algo incomum sobre contar histórias de mulheres, pessoas de cor e personagens LGBT na televisão.** Eu tenho uma palavra diferente: normalizar. **Estou normalizando a TV.** Estou fazendo a televisão parecer mais com o mundo real. Mulheres, pessoas de cor e LGBT somam mais que 50% da população. Isso significa que eles não são qualquer coisa. Você deveria ligar a TV e ver a sua tribo. O objetivo é que todo mundo ligue a televisão veja alguém com quem se parece, que ame da mesma forma. Mas o mais importante, **todo mundo deveria ligar a TV e ver alguém com quem não se parece ou que ame diferente.** Porque assim todo mundo aprenderia com essas pessoas. **Por que assim seria possível se reconhecer neles. Então, assim, aprenderíamos a amá-los.** Para terminar, eu quero dizer isso: se você é uma criança e está por aí, gordo, não tão bonito, nerd, tímido, invisível e ferido. **Qualquer seja sua raça, seu gênero, sua orientação sexual, eu estou aqui para dizer: você não está sozinho.** Sua tribo, ela está por aí no mundo. Esperando por você. (RHIMES, 2015; DANTAS, 2015)

O mundo criado por Shonda Rhimes representa o mundo real e leva a televisão mais perto da realidade das pessoas. A tentativa de “normalização” da TV (RHIMES, 2015) também é muito abordada na série como um todo e muitos assuntos tabus são tratados com naturalidade. Seus elencos possuem personagens brancos, negros, asiáticos, altos, baixos, latinos, estrangeiros, loiros, morenos, ruivos, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transgêneros e deficientes físicos, incluindo a todos os espectadores, fazendo com que haja uma identificação grande de seu público com os personagens.

Por trás das câmeras

A criadora de *Grey’s Anatomy*, Shonda Rhimes, é uma escritora estadunidense que fez pós-graduação em uma das maiores universidades de cinema e roteiro do mundo, a USC – *University of South California* e é responsável por grandes títulos além dos já mencionados neste artigo, como pela história e script de “O diário da princesa 2” (MARSHALL, 2004) e do livro “O ano do sim” em que conta como sua vida mudou depois que tomou a decisão de dizer “Sim” a tudo que a dava medo mudou sua vida (RHIMES, 2016).

Além de um fenômeno do *storytelling*, empreendedora, Shonda também é militante das causas sociais. Sua luta pela igualdade é altamente visível em sua dramaturgia e muito aclamada. Ao fazer audições para os personagens que ela escreve, Shonda não especifica as características físicas de seus personagens, deixando que atores das mais diferentes

etnias possam tentar todos os papéis. Em suas produções, ela traz pessoas reais para papéis de destaque e mostra o leque imenso de possibilidades para as pessoas, fazendo com que se sintam representadas (RHIMES, 2016).

Para Shonda, é muito importante mostrar para as mulheres que a real beleza está em se sentir bem consigo mesma e ser você, enfrentando os seus limites e dificuldades, e não em padrões estéticos impostos pela sociedade (RHIMES, 2016). Em parceria com a Dove, ela fez uma campanha sobre a beleza das mulheres, chamada *Real Beauty Productions*, em que escolheu três mulheres para contar suas histórias e inspirar outras mulheres. As três, Diana, Kylee e Cathleen, fogem do padrão imposto, mostrando como é possível se sentir bonita sendo quem são (DOVE, 2017).

Shonda Rhimes faz questão, também, de dar o suporte adequada para as atrizes de suas séries que são mães, para que elas se sintam livres para levarem seus filhos ao trabalho, fazendo com que se facilite essa relação entre maternidade e profissão, como disse a atriz Caterina Scorsone, que interpreta a doutora Amelia Shepherd no seriado:

Isso é o incrível sobre a *Shondaland*, eu tenho a minha pequena comigo no trailer todos os dias, para que eu possa alimentá-la de duas em duas horas. Eu volto para o meu trailer e ela está lá... Eu acho que a Shonda está realmente esculpindo um caminho e mostrando pra gente, mostrando para todos, que as mulheres precisam ter essas opções. (HAAS, 2017) ⁷

Considerações finais

O patriarcado ainda impera em nossa sociedade, mas é importante observar os progressos feitos em relação a igualdade de gênero e visar sempre a mais mudanças. As minorias estão ganhando, aos poucos, lugar de fala, e as lutas por igualdade são cada vez maiores. Nesse sentido é crucial a dramaturgia abordar assuntos muitas vezes deixados de lado por serem considerados tabus relativos à igualdade de gênero, pois eles estão presentes no nosso dia-a-dia e é essencial mostrar todas as suas facetas, e não só o que é senso comum. Escritores como Shonda Rhimes trazem tais assuntos à normalidade e o tratam com delicadeza, trazendo reflexões aos seus telespectadores e assim gerando possíveis mudanças éticas e de comportamento na sociedade.

Referências

⁷ Tradução livre de entrevista com Caterina Scorsone (HAAS, 2017)

BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo - Caixa**. Edição: 1ª ed. [s.l.] : Nova Fronteira, 2016.

CASTRO, MARY GARCIA. Gênero e Poder no espaço sindical. **Estudos Feministas**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 29–51, 1995.

DANTAS, Felipe. **Shonda Rhimes faz um discurso poderosíssimo sobre inclusão na TV**. 2015. Disponível em: <<http://www.papelpop.com/2015/03/shonda-rhimes-fez-um-discurso-poderosissimo-sobre-inclusao-na-tv-e-voce-precisa-ler/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

DOVE. **Real Beauty Productions**. 2017. Disponível em: <<https://www.dove.com/us/en/stories/campaigns/real-beauty-productions.html>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

HAAS, Mariah. **Grey’s Anatomy’s Caterina Scorsone Says Shonda Rhimes Is “Carving a Path” for Working Moms**. 2017. Disponível em: <<http://people.com/babies/caterina-scorsone-shonda-rhimes-working-moms/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Trailer | O Diário da Princesa 2: Casamento Real. Direção: MARSHALL, Garry. [s.l: s.n.]

NIELSEN. **Rating History: Grey’s Anatomy**. 2017. Disponível em: <http://nielsen-ratings.wikia.com/wiki/Rating_History:_Grey%27s_Anatomy>. Acesso em: 22 abr. 2018.

How to Get Away with Murder. Direção: NOWALK, Peter. USA

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdade**. São Paulo, SP: Berlendis & Vertecchia Editores, 2009.

PORTER, Rick. **TV Ratings Thursday: ‘Grey’s Anatomy’ and ‘Supernatural’ premiere steady TV By The Numbers**, 2017. Disponível em: <<http://tvbythenumbers.zap2it.com/daily-ratings/tv-ratings-thursday-oct-12-2017/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Grey’s Anatomy. Direção: RHIMES, Shonda. USA: ABC, 2005.

Private Practice. Direção: RHIMES, Shonda. USA

Scandal. Direção: RHIMES, Shonda. [s.l.] : ABC, 2012.

Speech The Mighty! HRC 2015. Direção: RHIMES, Shonda. [s.l: s.n.]

RHIMES, Shonda. **O Ano em que Disse Sim**. Tradução Mariana Kohnert. Edição: 1ª ed. [s.l.] : Best Seller, 2016.

TURDELLI, Ana Carolina Pereira. **O mundo segundo as mulheres**. 2017. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/cidades/o-mundo-segundo-as-mulheres/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.